

Dualidades antropológicas e educação: pensamento e ação

Newton Aquiles von Zuben*

*O contrário de uma verdade não é
um erro, mas uma verdade contrária.*

Pascal..

Resumo: O trabalho discute a identidade da Filosofia da Educação. A reflexão tem como bases: a) a pergunta "Que sentido teria hoje a Filosofia da Educação"? b) o pressuposto do vínculo da educação ao projeto da filosofia desde os seus primórdios e c) algumas idéias de Paul Ricoeur e Richard Rorty.

Palavras chave: Educação - Filosofia

Abstract: The aim of this paper is to discuss the identity of Philosophy of Education based on: (i) the question "What meaning has been given to Philosophy of Education today"? (ii) the assumption that there is a connection between education and the Philosophy project which has been made since early times: and, (iii) some Ricoeur and Rorty's ideas.

Keywords: Education - Philosophy

Introdução

O tema deste encontro é a Identidade da Filosofia da Educação.

Tarefa inquietante interrogar-se, pela reflexão filosófica, sobre a identidade. Qual poderia ser a natureza de resposta aguardada? Em nosso cotidiano, desde tempos imemoriais essa questão da identidade encontra uma resposta simples: nossa identidade é definida por um nome. A cada um é atribuído um nome pelo qual supostamente deve ser identificado. Tenho o nome que me foi dado por outros. Mas, o nome responde inequivocamente por quem eu sou? Eu sou aquele que tem tal nome, ou

* Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP.

34 • Newton Aquiles von Zuben

haveria outro “eu”. As coisas não são tão simples. “Quem sou eu?” é uma interrogação originária, daqueles que vêm sendo repetidas através dos tempos sem que ninguém esteja satisfeito com as respostas oferecidas. Nem as ciências, a filosofia, ou outra forma de saber têm conseguido apaziguar nosso ímpeto questionador.

Quanto à indagação, na sua aparência simples e despreziosa, sobre a “identidade da filosofia da educação”, como poderíamos proceder? Sob essa rubrica o que realmente se passa? Estaríamos simplesmente interrogando-nos sobre nomes? Na expressão haveria, a priori, uma relevância reconhecida ao caráter filosófico do empreendimento esclarecendo-se, então, que temos a ver com uma atividade teórico-filosófica voltada para uma problemática determinada, vale dizer, o fenômeno da educação?

Dentre as várias alternativas de se entrar nesse empreendimento — que por sua vez já é filosófico — penso que se possa admitir que um modo de encaminhar nossa atenção seria verificar o que fazem aqueles que se dedicam à Filosofia da Educação.

Recordo-me de uma observação, direta e simples, de Hannah Arendt em seu monumental *The Life of the mind*, no primeiro volume dedicado ao *Pensar*, quando afirmava que os filósofos não se preocuparam em nos dizer o que faziam, efetivamente, quando estavam ocupados em pensar. Como então desvendar nossa questão? Podemos supor que, de direito, a Filosofia da Educação envolve uma atividade a que se dedicam aqueles que são envolvidos pela filosofia, ou pela maneira de investigar a realidade, atividade instituída há já quase 26 séculos pelos nossos mestres gregos.

Merleau-Ponty nos ensinou que somos condenados ao sentido. Talvez a maneira filosófica de se indagar sobre a identidade seja essa: não pela via curta do nome, mas pela via longa do sentido.

Hannah Arendt em um de seus ensaios lança a indagação: “Será que a política de algum modo ainda tem um sentido?” Já de início, Arendt responde: *A resposta é a seguinte: o sentido da política é a liberdade.* (Dignidade da política p. 117)

Que sentido teria hoje a Filosofia da Educação? Ao perguntar sobre o sentido da Filosofia da Educação já se estaria indagando sobre a pertinência de um questionamento sobre a educação e que esse sentido ou sentidos podem ser interpretados e compreendidos reconhecendo-se, com isso, a vocação hermenêutica da filosofia. E mais, não estariam, na verdade, as diversas instâncias, a saber, aquela da significação, a da

Dualidades antropológicas e educação: pensamento e ação • 35

educação e a da reflexão filosófica, de certo modo, determinando-se mutuamente nesse projeto? E as três relacionadas ao projeto maior que lhes credita relevância, a saber, a política? Penso que a instituição de um espaço político alia-se ao reconhecimento da educação, do processo educativo, como a um tipo de praxis específico cuja exigência fundamental é o estabelecimento de vínculos sociais sobre uma base reflexiva.

Como filosofia, a Filosofia da Educação tem a ver com o pensar. O pensar visa o sentido, ao contrário do conhecer, cujo critério é a certeza e a evidência, que visa cognição (cfr. H. Arendt). Creio que a Filosofia da Educação não tem que justificar sua existência e seu projeto. Sua maioridade no âmbito da Filosofia já está assegurada. Trata-se, penso eu, em estabelecer de modo crítico as articulações entre os discursos: o científico e o filosófico. O âmbito desta comunicação recomenda comedimento. As reflexões acima apresentadas tiveram como intuito reconhecer o grau de complexidade da questão. Estando de acordo com isso, proponho aos caros colegas, algo bem mais modesto dentro dos limites instituídos.

Convido-os a lembrar um dos “pais fundadores da filosofia”, Heráclito com suas tiradas aforísticas. Elas podem, penso eu, nos oferecer um modelo. Desde os nossos primeiros contatos com o pensamento dos pré-socráticos, era curioso notar o contraponto entre dois grandes mestres do pensar, Heráclito e Parmênides. Quem de nós, jovens aprendizes da filosofia, não se embaraçou pelo secreto e curioso encanto do fragmento: “*não se banha duas vezes no mesmo rio*”? Estava, desde então, sendo lançada a questão metafísica do mesmo e do outro, princípio fundamental da unidade dos contrários e da mudança eterna. Com certeza foi Heráclito quem mais lançou lenha na fogueira de nossa curiosidade arborescente, e, admitamos, dava-nos mais o que pensar, afinal era mais dinâmico!!! Foi ele que, por primeiro, nos mostrou a necessidade de articular, associando, termos contraditórios. Afinal o *polemos pater ton panton esti*. *A guerra é o pai de todas as coisas*. Aprendemos bem depois, com Morin, que Heráclito foi, no ocidente o primeiro a nos introduzir ao “pensamento complexo”. O conflito dos contrários os limita reciprocamente e assegura entre eles um jogo de trocas; assim poder-se-ia resumir tal concepção do filósofo obscuro como foi esquisitamente denominado!

Pois bem, retomo esta manobra de pensamento, esse ardil e proponho algumas idéias que podem, é minha expectativa, provocar nossa reflexão.

36 • Newton Aquiles von Zuben

Nosso século está agonizando. Ouvimos , de todos os quadrantes , falar em política e ética. Muitos crêem que a educação está em agonia igualmente; as ligações sociais estão em crise. Como evitar que a saída da crise da educação seja buscada pela simples reciclagem reduzida à tentativa de adaptação, por antecipação , à uma nova realidade que cai sobre nossas cabeças : o avanço inaudito da tecno-ciência, a globalização , a cibercultura, as infovias .

A Filosofia da Educação estaria ,então inscrevendo em sua agenda uma teoria da ação e uma ética instituídas de modo diferente . Quem sabe conceitos como **sabedoria prática** (a **phronesis** de Aristóteles) pudesse estar sendo recuperada . Assim como certas idéias bem mais próximas de nós como a teoria da complexidade e a conseqüente revolução no pensar, propostas por Morin .

1 - Dualidade e compreensão

A idéia de complexidade sempre esteve presente na história do homo sapiens. De fato, em sua trajetória na criação da cultura, o *sapiens* espantou-se diante da realidade que o circundava ; a luz e as trevas ; o repouso e o movimento ; o nascer e o morrer , o finito e o infinito , o uno e o múltiplo . Voltando-se para o mistério de seu próprio existir, com as interrogações que daí resultam—que razões ou causas para o meu existir ? que fim posso esperar ? — o homem reconhece o caráter ambíguo de sua condição. E isso revela a dimensão patética— de **pathos** receptivo, passivo — do seu engajamento nessa tessitura da história com os outros .

Quando , reconhecida a ambigüidade de sua condição humana , o indivíduo tenta *compreender* o sentido de seu existir , parece-lhe razoável lançar mão, essa é minha hipótese , da categoria de dualidade . A expectativa é que através dela reconheçam-se inúmeros fenômenos humanos que se **dizem** mais de si mesmos quando se “mostram” como duais. Alguns exemplos tomados aleatoriamente e sem indicação alguma de relevância ou pertinência , apenas exemplos. : corpo /espírito ; sujeito / objeto ; razão / emoção ; verdadeiro / falso ; tradição / modernidade ; indivíduo / sociedade ; privado / público ; ser / dever-ser ; ordem /caos ; eros / thanatos ,etc,etc. Em suma, nossa história cultural tem revelado vertentes binárias relacionadas seja como conflitantes, ou excludentes, ou

convergentes ou ainda na dialógica ou na dialética. Daí as diversas figuras de estilo : a antítese que coloca em paralelo termos ou categorias que designam realidades opostas ; ou o oximoro que consiste em colocar frente a frente dois termos opostos , permitindo criar um paradoxo . Neste caso trata-se em geral de uma metáfora, p.ex. “uma obscura claridade”. Exemplo mais conhecido , a síntese que realiza o acordo da tese e da antítese, graças à “ *superação*” (a *Aufhebung* de Hegel)

Admite-se que o paradoxo , como princípio ou instrumento conceptual tem longa história .As abordagens ou tentativas de entendimentos a partir das “*dualidades*” ou de vertentes binárias vêm desde a *tensão - polemós - de* Heráclito, do “*meio - termo*” de Aristóteles na *Ética a Nicômaco*; até as tensões criativas da *dialógica* de Morin, passando pela *dialética* de Hegel.

Dualidade , proposta como um instrumento conceptual para o entendimento de fenômenos e realidades humanas qualifica a relação entre vertentes ou pólos que não suportariam consideração isolada . Devo observar que não se trata aqui de qualquer tentativa de se investigar a natureza, seja do ponto de vista lógico ou epistemológico desta categoria de dualidade. Apenas tomá-la como instrumento conceptual para a compreensão da condição humana em um dos seus aspectos (e aí espero poder entender uma das tarefas da Filosofia da Educação) Presumo que tal procedimento pode propiciar o destaque do paradoxo, da interrogação e da resposta; além disso cede espaço à diversidade, à diferença ao reconhecimento do alargamento das perspectivas múltiplas ,afim de romper com o embotamento e a clausura perpetrada pela palavra dogmática e única .

Observo, no entanto, que considerar a virtude esclarecedora do conceito de dualidade não indica trilhar o caminho da exclusão, do puramente *ou ... ou* ; ou do *nem um nem outro* . Há perigos na oposição radicalizada , excludente, como na *razão x emoção* e tantos outros. Ao contrário, creio que o olhar deve voltar-se para as duas direções aceitando a metáfora da “*corda tensa*” , do compromisso. Seria uma restauração do “*intermediário*” — *metaxu* de Platão , o “*entre*” epistemológico de Buber , a *dialógica* de Morin, ou o **princípio do terceiro incluído** de Nicolescu. Acolho preferencialmente a idéia de dialógica tal como a entende Morin , que a distingue da dialética hegeliana que segundo Morin, é redutora na medida em que é entendida como simples ultrapassagem dos contrários numa síntese. A *dialógica* pro-

38 • Newton Aquiles von Zuben

põe a associação “complementante” de antagonismos permitindo ligar idéias que para nós podem rejeitar-se mutuamente .

No meu entender , o princípio dialógico tal como proposto por Morin, permite retomar a idéia de Heráclito, pois une dois princípios ou noções que se excluem uma à outra , mas que são indissociáveis numa mesma realidade. Nas palavras de Morin , a dialógica permite assegurar racionalmente noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo .

A filosofia cabe ,no meu entender, pensar os problemas colocados por seu tempo. Para tanto filosofar é dirigir um outro olhar sobre as coisas , sobre a realidade, a vida ; é tentar conhecer através das aparências o que transcende tais aparências ; é exercitar sua consciência a tomar consciência de si mesma voltada para e engolfada na realidade social e histórica que a envolve. Filosofar é aceitar reconhecer, de pronto, que a vida é um paradoxo , um enigma , um sinal a ser interpretado , em suma um processo sem sujeito nem fim predeterminados . A filosofia entrega-se à busca incessante e por vezes indecível, reconheçamos, do sentido que desde que é enunciado aparece na nudez de sua insuficiência, daí o amargo ceticismo patente na expressão : *sei que nada sei de essencial* . Daí ainda o absurdo da existência humana desenhada por Camus .

A palavra chave do empreendimento — sisifiano a meu ver - do filosofar é a compreensão. Hannah Arendt caracteriza a compreensão com notável simplicidade : *compreensão é um processo complexo , que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável , por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é , tentamos nos sentir em casa no mundo* . (**Compreensão e política**. em **A dignidade da política**. pag.39) A reconciliação com o universo e a reconciliação do homem em si mesmo, de todas as dialéticas que o dividem é o objetivo último da aventura humana . (*Canclini - Sentido dialético do humano*. P.177) A tarefa atribuída ao pensamento é titânica, vale dizer, a de instaurar ,por meio de seus sistemas de representações e de conceitos, um sistema de mediações que possibilite aos homens desenvolver-se sempre para além de suas contradições. (Canclini) O mesmo Canclini em seu ensaio nos adverte que a potência da mediação não se rende em fazer coexistir pacificamente vertentes contrárias, mas, ao contrário, instituir uma relação de solidariedade entre os pólos dialetizados afim de que se instaure pelos homens sua cria-

ção histórica. A finalidade de um sistema de representações não é a mera “reprodução” do real, mas sim aquela de propiciar o possível reencontro do novo, de nos levar à compreensão de aspectos da realidade gerando novas ações e novos pensamentos.

É tese admitida que não se define, propriamente, o homem. A idéia de humanidade deve ser realizada, tal é seu telos, seu horizonte. Definir é estabelecer limites, ora o humano é um projeto eminentemente aberto por vir em devir, histórico, e assim deve ser procurado (*historia* dos gregos). Trata-se de compreender. Compreender o humano seria, a cada circunstância histórica, buscar uma resposta, provisória, em cujo nome poderíamos prosseguir a tarefa de criação. É ainda Canclini que nos fala: *Essa resposta, esse modelo, não é senão uma forma de relacionar os contrários, de reinventar uma coerência dinâmica e produtiva entre as tensões que nos dividem.* (idem 177)

Em suma, em se tratando de compreender a condição humana a passagem por esse caminho das dualidades em *tensão* pode ser de certo interesse na busca de compreensão do fenômeno da educação; e assim vai-se delineando o sentido da Filosofia da Educação.

2 - A tensão ou a dualidade na educação: dois exemplos.

Tomo dois exemplos com a única intenção de fomentar o debate. Não há qualquer critério na escolha desses dois filósofos, e nem desejo aqui, seria um extremo e sobretudo intolerável despropósito e ousadia, expor suas teses ou buscar qualquer paralelismo entre suas obras. Minha exposição será absolutamente sucinta e esquemática, com breves comentários proporcionais à minha competência. A finalidade, repito, é de fomentar possíveis debates.

Rorty em um breve ensaio de ocasião intitulado **Educação sem dogma** (1990) analisa a educação que *abrange dois processos inteiramente diferentes e igualmente necessários— socialização e individualização* (1997-p.72.)

Indivíduos pertencentes à direita, ao falarem de educação, afirma Rorty, falam em *verdade*, e os da esquerda falam em *liberdade*. Para a direita, possuindo-se a verdade a *liberdade seguirá automaticamente*. Para a esquerda, as verdades seriam *crostas de convenções que precisam ser rompidas, vestígios de maneiras mais antiquadas de pen-*

40 • Newton Aquiles von Zuben

sar, das quais as novas gerações deveriam libertar-se. A esquerda exalta a crítica social socrática (pag.70) Para a esquerda a função peculiar da educação é fazer os jovens perceberem que não devem consentir com esse processo alienante da socialização. A direita defende a teoria segundo a qual os seres humanos têm dentro de si a faculdade de procurar a verdade que se chama razão,... a luz natural da razão nos guiará para a verdade. Em suma, a direita enfatiza o ensino da verdade no processo inicial da educação denominado socialização. A doutrinação é o método característico. Para a esquerda a liberdade é essencial, e trata-se de persuadir o jovem para a formação do espírito crítico, o processo de individualização é o adequado.

Para ambos ,segundo Rorty, tanto os da direita quanto os da esquerda, *há uma conexão natural entre verdade e liberdade. (70) . Quanto aos princípios filosóficos há acordo entre eles. As diferenças são, antes, de natureza política concreta. Nas modernas democracias liberais a tensão entre essas atitudes tem sido resolvida por um compromisso razoavelmente satisfatório. (idem) A direita controlaria a educação básica e fundamental enquanto que a esquerda tenderia a controlar a educação superior .*

Rorty critica os reducionismos patentes nessas posições quando antagonizadas. Em resumo, sua crítica assim se expressa.

Não existe essa coisa chamada natureza humana no sentido profundo em que Platão e Strauss empregam essa expressão. Tão pouco existe essa coisa chamada alienação da condição humana essencial de alguém por força da repressão social, no sentido profundo vulgarizado por Rousseau e pelos marxistas. O que existe é apenas a moldagem de um animal num ser humano graças a um processo de socialização ,seguido (com sorte) pela auto-individualização e autocriação desse ser humano através de sua própria e posterior revolta contra esse mesmo processo.

Neste texto de Rorty temos, então a dualidade **socialização - individualização** que estarão constituindo na sua dinâmica tensão o processo de educação.

Outro exemplo escolho de uma proposição de Paul Ricoeur extraída de seu ensaio **Trabalho e palavra** publicado em sua obra **História e verdade**.

Dualidades antropológicas e educação: pensamento e ação • 41

A educação, no sentido forte da palavra, não é talvez, senão o justo, porém difícil equilíbrio entre a exigência de objetivação — isto é de adaptação — e a exigência de reflexão e desadaptação ; é este equilíbrio tenso que sustenta o homem em pé . (pag.219)

Entendo que Ricoeur toma a expressão de justo equilíbrio, para expressar a combinação de forças ,de elementos. Duas exigências tencionam-se mutuamente ; adaptação (objetivação) e desadaptação — reflexão.

A adaptação é o processo próprio do indivíduo interagindo no mundo com outros e com a realidade natural. Não se trata de situação meramente passiva, à maneira de um objeto que seria determinado do exterior e cujos limites se justaporiam com os limites do outros objetos. Aqui o homem assumiria sua condição finita e limitada — é a patética (*pathos*) do engajamento. O homem pode transcender suas determinações : a adaptação é, também, a tomada de consciência dessa condição de finitude.

Desadaptação ou reflexão . É a outra face da dualidade . Todos os seres vivos têm seu poder de auto-organização . Ao contrário , somente o homem é o único que conquistou em sua evolução um poder de ruptura com o estabelecido. Além dos instintos desenvolveu um sistema de correspondências de seu sistema interno (suas idéias) com o sistema externo (o mundo envolvente) evadindo da evolução orgânica e contribuindo com elementos novos por criação individual . Exemplos: a atividade artística e técnica, a ciência. Ao homem cabe denunciar e recusar o conformismo que o aliena. À reflexão cabe esta transcendência, resistindo e revoltando-se em vista do novo. O homem se subjuga e revolta-se; oprimido rebela-se . Pela reflexão desadapta-se com relação ao estabelecido. Aqui entra em cena o pensar ; graças a essa atividade o homem mantém-se aberto para o diferente, o outro, o longínquo o novo .

É a tenção , a articulação entre as duas exigências que mantém o homem em pé. Interessante essa metáfora utilizada por Ricoeur , a da estatura em pé. A posição vertical é específica do homo sapiens. Mesmo assim, algum tempo após seu nascimento , todo indivíduo deve lutar para consegui-la. Ao conseguir levantar-se e atingir *a estatura em pé* o homem é capaz de opor-se às forças naturais da gravidade. Esta porém nunca é vencida totalmente . Manter-se ereto exige esforço , atenção. *Se perco-os sentidos caio* . A criança conquista o andar ereto. Mesmo

42 • Newton Aquiles von Zuben

assim estará sempre sujeita a quedas até que o *hábito* pelas repetições consagre a conquista definitiva.

O grego nos ofereceu o termo *stasis* que significa posição em pé, ação de levantar-se, mas também significa sublevação, desacordo, conflito. E no sentido figurado tempestade. Estar em pé, manter-se em pé seria sinal de independência e autodeterminação, *autopraxis*. Pode-se, talvez, referir por analogia, à expressão cunhada por Maturam e Varella a *autopoiese*. O estado natural do homem é a “resistência”. A posição ereta inaugura uma nova situação na vida do indivíduo, e uma ambivalência na sua conduta: isso pode significar ganho, mas também perda, pois, separa o homem do solo, mantém-no longe das coisas e distancia-o dos outros.

Para Ricoeur o equilíbrio tenso entre as duas vertentes sustenta o homem em pé. Esta idéia de sustentação encerra a idéia de manutenção que por sua vez está até certo ponto condicionada pela idéia de adaptação. Não há manutenção de um estado sem uma adaptação. Não haveria instância crítica se não houver também um enraizamento, pensa Ricoeur. A educação envolve dois processos nos quais transcorre ou é tecido o existir dos homens na trama, na *aliança* das relações sociais no seio da comunidade de comunicação.

É no seio da educação que a questão da dualidade **pensamento e praxis ou ação** — teoria e prática — brotam com maior ímpeto. Com esta problemática das relações entre pensamento e ação entramos num campo labiríntico de onde parece não haver saída, nem teórica nem prática. A distinção entre ambos é da ordem da teoria ou da ordem da prática? Se se trata de uma distinção teórica, não estaria ela fundamentada numa interpretação técnico-prática do pensar? Analisando com rigor, ambos pensamento e ação não são uma só e a mesma coisa; por outro lado, não são também duas, uma vez que uma não vai sem a outra. Não é minha intenção demorar-me nessa questão; aliás tantos outros colegas e autores já a abordaram com mais cuidado e sobretudo com muito mais competência. Aceno para ela como índice, um signo da questão da dualidade, uma das mais complexas. Sinto que a problemática da educação — aliás como no campo da ética — pensamento e praxis ou ação articulam-se no modo da interdependência gerando contradições não só no âmbito da ação, como no do pensamento e sobretudo no de suas mútuas relações.

Como entender o pensar ?

Sócrates inaugurou uma mudança marcante na história da filosofia. Para ele o mundo se torna, desde então, uma questão de saber. A conduta justa subordina-se ao primado do conhecimento . Desde os gregos (Platão) foi selada a separação entre teoria e prática, e cada uma considerando a outra como derivada. No entanto, tudo era analisado e considerado a partir da teoria – bios theoretikós de Aristóteles — como vida por excelência . Hannah Arendt analisou isso de modo eminente no seu “A Condição Humana”. Nosso problema agora é buscar um sentido para esse pensar atividade precípua da filosofia , e o que podemos esperar encontrar da tentativa de sua articulação com a praxis.

3 - A praxis e o pensar.

Hannah Arendt, na introdução a *Entre o passado e o futuro* tem uma expressão emblemática : *Meu pressuposto é que o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles permanece ligado , já que são os únicos marcos por onde pode obter orientação .*

Que realidade nos envolve hoje ? Como se revela nosso Lebenswelt? Em que meio estamos e qual devemos defrontar ? Qual é o mundo das pessoas ? Em que circun-stância poderemos tecer nossa praxis ? Que tipo de cultura pode propiciar a cada um de nós razões de viver ou meios de agir ? É razoável supor que a cultura como a natureza “vive “de fluxos , respirações e fecundações . Estamos de acordo que vivemos sucessivos choques civilizacionais Nosso mundo cultural está tomado por hipertextos labirínticos , infovias , redes interfaces , redes informático-mediáticas ; vivemos numa época de subjetividade fractal , da “ordem através das oscilações ”, de acaso e de auto-organização (Henri Atlan) . de “programa genético “e de “desenvolvimento epigenético “(Atlan) , do virtual e da inteligência coletiva (Pierre Levy) e tantos outros conceitos e realidades e representações inexistentes no vocabulário do homem comum . Vemos um mundo novo e temível ; temível porque admirável e freneticamente paradoxal. Descobrimos que nosso mundo interior está sendo manipulado , desde manipulações genéticas até as experiências humanas interiores , a afetividade, a atividade simbólica . Já

44 • Newton Aquiles von Zuben

sabemos da possibilidade de homo symbioticus com seu sistema nervoso diretamente ligado, através de ultramicrocircuitos (nanoships) biocompatíveis, a computadores miniaturizados . Em suma, nessa época de futuríveis dos projetos tecnocientíficos, era sobre a qual se pergunta com Alvin Tofler; qual será o sentido do conceito humanidade quando o homem for em parte protoplasma e em parte transistor? (O choque do futuro) .

A indagação que ocupa tantas mentes hoje é : poderão as máquinas pensar? Há no entanto, uma interrogação tão ou mais urgente : não estaria o homo sapiens distanciando-se daquilo que lhe é , até o momento, considerado específico , a saber, a atividade de pensamento? Nesta circunstância histórico cultural , que sentido e que relevância teria uma interrogação sobre Educação ? Antes, que sentido terá a própria indagação sobre a Educação quando a urgência situa-se em um nível mais profundo e englobante, a saber: faz sentido a existência humana ? O que podemos esperar dos homens concretos na era da cibercultura ?

O fenômeno mais marcante, no meu entender, é o processo de transformação , de mudanças de toda ordem em ritmo jamais percebido na história da humanidade. Os modelos de cognição e de valoração ou os quadros conceituais não conseguem mais “ dar razão” de nossas ações e avaliações morais .E os novos conceitos logo tornam-se obsoletos, ou demandam longo tempo para serem assimilados, amadurecidos testados e compartilhados . Surge um fosso ,uma ruptura entre nossa capacidade de explicação ou compreensão e a nova realidade. O que leva à perturbação. Seguimos andando como no cume de uma montanha , numa estreita aresta , entre dois abismos. Morin fala de uma “operação de crisificação” (krinein krisis = julgar) . No descompasso, o pensamento e nossa capacidade de julgar correm o risco de apoiarem-se em conceitos obsoletos. A não-plasticidade ou a inflexibilidade de certas convicções nossas podem aprisionar-nos impedindo o reconhecimento e a urgência do “estado de crise” não só como benéfico mas como necessário. Enfrentamos uma situação paradoxal; de um lado, devemos conceder que o conhecimento e a criação de novos conhecimentos devem ser contextualizados, é o nosso mundo cultural a condição de nosso devir histórico. Por outro lado, esse mesmo acervo cultural , com seus arcabouços conceituais cognitivos e valorativos recebidos em herança exercem o papel de freio . A pertença à tradição constitui o fundamento “pre-judicial” do conhecimento. (Habermas

veria nisso a negação do senso crítico) Diante disso qual a nossa força na criação de uma linguagem que consiga “dar razão” das transformações avassaladoras? O que havia no antigo *que de um modo ou de outro preparava o novo ou se referia a ele*, indaga Castoriadis. *Em poucas palavras*, continua ele, *o antigo entra no novo com a significação que o novo lhe dá , e não poderia entrar nele de outra maneira.* (Encruzilhadas do labirinto II p.238)

Reconhecendo-se com um caráter duplo e uno de historicidade e de corporeidade o indivíduo está situado no seio de uma cultura da qual é tributário — adaptação — e na qual irá desenvolver todas as suas potencialidades específicas — desadaptação ; esta situação que lhe é específica de ser-no-mundo mergulha cada indivíduo numa experiência ao mesmo tempo evidente e aceita simplesmente por todos, e , paradoxalmente ambígua e problemática. Evidente em sua realidade como instituição , e ambígua em suas finalidades ,em sua realização, no seu processo e quanto ao lugar no seio da realidade social. Trata-se da educação. Com a linguagem , descoberta a expressividade de seu élan criador , o homem inventou maneiras de construir não só modos de relação com a realidade circundante ,tornada mundo , mas também de ampliar , diversificar tais relações, de as conservar e sobretudo de as compartilhar com outros. Ai residia o fundamento da sobrevivência da espécie capaz de criar cultura. Chamou-se a si mesmo de Sapiens . Instituiu-se a praxis educativa. Por que razão a instituição desta praxis complexa e vivida por todos os indivíduos, de um modo ou de outro, pelo simples fato de serem humanos, tem provocado a curiosidade investigadora do homo sapiens sapiens ? Que secreta razão leva cientistas e filósofos e tantos outros indivíduos — às vezes não tão sapiens e outros mais até demens — a se debruçarem sobre esse fenômeno polisêmico e ambíguo ? Questão milenar desde a **paideia** dos gregos, povo antropoplástico por excelência, até nossos dias , era da incerteza e da ciber-cultura. Não estaríamos nós muito afoitamente interessados e obcecados por respostas exigidas pelo imperialismo imediatista de uma falsa pragmaticidade , obrigando o desvio de atenção do sentido ? Por que as respostas não satisfazem ? Tal é, a meu ver , a problemática que teima em nos fazer lembrar que ainda devemos pensar ou podemos ter a esperança de continuar (pelo menos alguns) a pensar , apesar de todos os “ Deep blues” que tentam tomar nosso lugar !

46 • Newton Aquiles von Zuben

De fato, reconhecemos que estamos sendo desafiados por novas realidades novas representações, novos mecanismos de mediação. Isso nos leva à questão da busca de sentido, tarefa do pensar.

Na proposição citada de Ricoeur, nosso filósofo refere-se ao equilíbrio tenso entre os dois pólos da dualidade. Entendo, mais que de equilíbrio, tratar-se de uma convergência “complexificadora” (a idéia de complexidade de Morin). A idéia de equilíbrio não desfaz, penso eu, inteiramente o modo alternativo “ou ...ou”. Trata-se de enfatizar e realizar a tensão dialógica ao modo de “um e outro” dos pólos em constante interação. Não vejo que se trata, na proposição de Ricoeur, de unidade ou completude, mas de complementaridade no próprio antagonismo. Há um ligamento ambíguo entre processos contrários. O mesmo pode-se ler nos dois processos analisados por Rorty.

A reflexão desadapta, e a antinomia “mantém o homem em pé”. Trata-se de um outro pensar, aquele haurido da praxis e a ela ligado e não mais o pensar redutor, simplificador da realidade. Morin fala de pensamento mutilante que conduz necessariamente a ações mutilantes. O pensar que não visa a certeza, pois está convencido, pelas próprias ciências das inúmeras incertezas que nos envolvem.

Em sua expressão acima citada Hannah Arendt defende o vínculo entre o pensamento e os eventos da experiência viva. Reconhece-se o evento em sua manifestação pela instauração de sentido, isto é, na relação do indivíduo com o mundo. A intenção que “habita toda filosofia, visa organizar não os fatos, mas significações.” (Granger pag.14) O cotidiano, o assumido coletivamente, o já estabelecido, o instituído, por serem evidentes, passam despercebidos. Um primeiro momento do pensar crítico será justamente o questionamento. “Colocar um problema onde tudo parece evidente, é essa a essência do pensamento criador” (Meyer. **A problematologia**. P.61)

Qual é atualmente a experiência que se impõe com maior intensidade? É justamente a experiência da mudança com velocidades inauditas e estonteantes. Habitados a encarar a realidade como algo mais duradouro, e por vezes imutável (Parmênides) nossos meios e instrumentos conceituais para explicá-la e interpretá-la eram adequados à esse modo de pensar. Urge, agora inventar meios que ofereçam condições ao nosso pensamento de poder defrontar-se com essa nova situação. De novo devemos apelar ao ensinamento de Heráclito!

Dualidades antropológicas e educação: pensamento e ação • 47

Quanto à educação, a reflexão filosófica ao pensa-la , irá submeter ao juízo crítico o seu sentido estabelecido , as teorias pedagógicas , seus limites, seus fundamentos e suas articulações com as práticas pedagógicas que pretendem orientar. O pensar filosófico radica seu princípio na experiência viva. No entanto , não se confunde com essa experiência. Ao visar o entendimento do sentido ,das significações , a filosofia aspira a um grau de universalidade que só poderá ser atingido por meio de conceitos universais abstratos ,uma vez que sua intenção é a compreensão. Sartre na sua “Crítica da razão dialética” a define assim :“ reservo o nome de compreensão à tomada totalizante de cada praxis enquanto esta é intencionalmente produzida por seu ou seus autores. ”(p.162)

É sugestiva ,penso eu, a distinção apresentada por H.Arendt entre pensar e conhecer . Os homens têm um desejo de conhecer e uma necessidade de pensar. Cada qual dessas atividades tem um interesse que lhe é próprio. O pensar visa o sentido ; o conhecer persegue a cognição cujo critério é a certeza e a evidência.

Recebemos em herança, segundo a tradição, de Sócrates ,um modo especial de reflexão filosófica. Para ele a interrogatividade ,manifesta nos Diálogos , era o valor supremo do pensamento. O mestre de Platão era um contestador do estabelecido. Essa ambição “tem sempre por alvo, diz Meyer, a autoridade de que são socialmente investidos aqueles a quem se convencionou chamar notáveis. São estes que avançam opiniões à guisa de saber, e que não estão de modo nenhum habituados à réplica devido à sua posição social. “(Meyer. P.69) Socrates que era pobre, questionava justamente a “pretensa” autoridade desses notáveis fundada unicamente em sua riqueza e poder político. “Conhece-te a ti mesmo” era o lema: cada um deve procurar a sabedoria em si próprio , pensar por si mesmo. “ É a apologia de uma liberdade de pensar que custará a vida a Sócrates: não se pode contestar a autoridade sem atrair a cólera dos Mestres.” (Meyer.p 69). O pensar acolhido como tarefa pela Filosofia da Educação contesta antes de tudo a pretensão de hegemonia de qualquer teoria ou linguagem , científica ou filosófica , em se erigir como única válida; rejeita ,ademais, o monismo de respostas, denuncia o mito das soluções definitivas próprio ao dogmatismo cientificista ou doutrinário e apoloético e investe na revisão total das certezas ,das evidências e das teorias estabelecidas. Advo-

48 • Newton Aquiles von Zuben

ga a pluralidade dos discursos e das perspectivas reconhecendo a diferença das vias de acesso `a compreensão do sentido instituído no transcorrer da aventura dos homens na história.

Como entender esse processo de busca de sentido ?

O sentido refere-se a decisões que os indivíduos tomam em suas relações mútuas e com a realidade. Tais decisões envolvem condutas, comportamentos e escolhas pautados por indicadores normativos. A internalização pelo indivíduo – socialização ou adaptação já referidas – dos costumes e hábitos do meio social induz a um determinado tipo de entendimento da realidade, do mundo, da vida, das relações de si próprio. São as representações que se constroem . Compreender o sentido da vida em sociedade e do do mundo — físico e social — e internalizar esse sentido em sua experiência ,isso significa que os indivíduos estão instaurando uma direção em sua vida. Essa direção – sentido e significação – é investida de um vetor. Mas o que quer dizer que um comportamento ou um evento são identificados por seu sentido ? Uma atitude tem um sentido na medida em que é orientada para determinados fins. (Aristóteles já ensinava isso.) Minha ação visa um fim, e é isso que lhe confere um sentido. O fim dá à ação ao mesmo tempo sua diretividade e aquilo que lhe permite avaliá-la como sensata ou não.

O professor Morin, já há algum tempo vem defendendo teses interessantes e que provocam nossa reflexão. Em um de seus inúmeros ensaios ele denuncia a disjunção entre a cultura das humanidades e a cultura científica. O desenvolvimento inaudito da cultura científica vem provocando ,segundo ele, uma perda da reflexividade. Aliás Husserl em 1939, em sua conferência memorável sobre a Crise das Ciências Europeias observava que os homens estavam dispondo de um formidável arsenal para conhecer os objetos e estavam desprovidos de instrumentos para conhecer a si próprios.

Nesse contexto de profundo fosso separando as culturas , científica e humanidades , Morin introduzia a sua tese já conhecida dos desafios da complexidade , na era da incerteza. Para responder à ruptura referida, Morin propõe uma reforma do pensamento, reforma que teria por finalidade instituir a “religação” (*reliance*) , isto é , a força capaz de fazer convergir o que até o presente era concebido

como divergente e às vezes excludente. Não se trata de unidade (ou unificação) pois assim pode-se cair na armadilha que se quer evitar que é a homogeneização que apaga as diferenças.

Conclusão.

A Filosofia da Educação buscará compreender como conciliar a autonomia e a disposição para o pensar (reflexão) com a adaptação (necessária) à vida em uma sociedade.

Kant em sua obra “Sobre educação” nos mostrou que a escola é o lugar “de um adestramento cujo objetivo é destacar , na espontaneidade dos desejos, o tempo de reflexão “. (cfr. Canivez - **Educar o cidadão ?** .p.53)

Poderia , para finalizar retomar uma idéia de Canclini , expressa no ensaio citado. Uma delas é uma tarefa atribuída ao pensamento. “ Talvez, diz ele, a maior empresa do pensamento, em todas as épocas, seja a de construir um sistema de mediações que permita à humanidade avançar para além de suas contradições. Ao falar de mediações, não pensamos em instaurar um equilíbrio ,uma coexistência pacífica, mas em solidarizar os pólos dialéticos para que seja possível a criação .” (pag.177) A essa criação como a entende Canclini referia-me quando acima no texto fiz alusão à idéia de autopraxis, ou ação auto-organizadora que instaura o sentido da existência.. A construção de sistema de mediações só se fará, penso eu, com uma reforma do pensar como se expressa Morin. Uma reforma que leve em conta, necessariamente as articulações dialéticas entre pensamento e ação. Porém uma articulação tal que se evite chegar a uma posição que afirme ser possível deduzir uma atitude de uma doutrina ,ou em outros termos , ou que defenda a tese de que a praxis ou a ação não passa de uma consequência lógica de uma teoria, ou do pensamento. Esse ponto reputo fundamental.

A outra idéia é uma tarefa atribuída à ação, à praxis. “ Mas todas as tensões, diz Canclini, dependem para serem resolvidas, de que seja possível o encontro do homem com o homem. Não poderemos reconhecer o sentido de nosso ser enquanto não aprendermos a nos reconhecer no outro” diz ele. A categoria que está subentendida é a de solidariedade, condição indispensável para resgatar a “virtú” do vínculo social na comunidade política. A solidariedade se revela como a recusa de toda violência como solução dos conflitos.

50 • Newton Aquiles von Zuben

Referências bibliográficas:

- ARENDR,H.- A dignidade da política. Rio de Janeiro. 1993 Ed. Relume Dumará.
ARENDR,H.- A vida do espírito. Rio de Janeiro. 1992. Ed. Relume Duamará
ARENDR,H.- Entre o passado e o futuro. 1979. S.P. Ed. Perspectiva.
CANCLINI,N.G.- O sentido dialético do humano. Revista Paz e Terra 1969. No. 9
GRANGER, G.G. - Por um reconhecimento filosófico. Campinas. 1989. ed. Papyrus
MEYER,M.-A problematologia.
CANIVEZ,P.- Educar o cidadão. Ed. Papyrus Campinas
RICOEUR,P.- História e verdade. Rio de Janeiro. Ed. Forense.
RORTY,R.- Educação sem dogma.